

Fotos: Arquivo pessoal



**Júlia Passarinho com os escritores Ivan Zigg e Tino Freitas no Fest Livro**



**Com Maria de Lourdes Pereira da Silva, que inspirou sua carreira**



**A educadora recebendo o carinho dos alunos da Casa do Pequeno Polegar**



**Uma das celebrações do Indi Bibia, com participação de Dad Squarisi**

## Pioneirismo

Júlia completou toda a trajetória escolar em instituições públicas de ensino, e alimentava no dia a dia a criatividade. Na chegada a Brasília, em meados dos anos 1960, ela estava na adolescência e foi por aqui que se formou professora, pela extinta Escola Normal. O ensino de altíssimo padrão, reconhecido à época como referência na América Latina, representou uma importante base da carreira, mas também escancarou as amarras que a metodologia mais tradicional impunha.

A essa altura, Júlia havia cuidado das crianças da rua, lecionando em aulas particulares e em pouco tempo daria início ao sonho de infância de abrir a própria instituição de ensino. A estrutura ainda improvisada ficava em uma casa alugada na QI 2 do Lago Norte. Era apenas uma turma de alunos na escola da Tia Bibia, apelido carinhoso e divertido.

Com o passar do tempo e expansão das turmas, alfabetizar as crianças com os materiais de apoio pedagógico disponíveis à época começou a se mostrar mais que um desafio: uma impossibilidade. O hermetismo da educação tradicional se opunha radicalmente ao que Júlia acreditava ser o caminho da educação. O questionamento e a liberdade criativa eram os elementos que ela procurava e que conseguiu encontrar na metodologia de uma professora do Rio de Janeiro, Maria de Lourdes Pereira da Silva.

A educadora, que morreu com quase 100 anos, criou uma metodologia de ensino batizada de autoexpressão. “Quando eu conheci a apostila da Lourdes eu fui ao Rio de Janeiro atrás dela. Pensei: ‘Tem tudo a ver com o que eu acredito’. Não tinha uma cartilha, como a gente não tem até hoje; era todo um vocabulário de vida, que trazia a realidade dos alunos e era construído com eles”, exemplifica Júlia.

A metodologia de Dona Lourdes foi influenciada pelo trabalho de contemporâneos, como o educador baiano Anísio

**É preciso ter a consciência de que o professor não é onisciente nem onipotente. Ele precisa ser um parceiro, um estimulador, uma referência para o aluno”**

**Júlia Passarinho**, diretora do Colégio Indi

Teixeira e a também educadora Heloísa Marinho, paulista com especialização em filosofia e psicologia que marcou a educação brasileira na segunda metade do século 20. “Ela sempre trouxe essa coisa da experimentação, o enfoque no fazer, no construir”, resume Júlia.

## Espaço de expressão

A partir da proposta de alfabetização da metodologia de auto expressão, Júlia desenvolveu o próprio método de ensino, a pedagogia da interação expressiva, que aplica no Colégio Indi, o Indi Bibia. Localizada atualmente uma quadra à frente do local de inauguração, na QI 3 do Lago Norte, a escola completa 47 anos em 2024.

No método, há cinco pilares essenciais: emoção, ludicidade, ciência, social e o movimento. Os espaços abertos, que propiciam a interação com a natureza, e a liberdade de movimentação são pontos essenciais da proposta. Mesmo na segunda fase do ensino fundamental os alunos vivenciam esses pilares e, em vez de terem uma sala de aula para a turma, transitam pelas salas ambientes de cada uma das ciências. Não há sinal entre as aulas, eles mesmos controlam o tempo e quando devem trocar de ambiente. Há três anos, o Indi abriu também turmas de ensino médio.

Os maiores desafios durante todo esse período, segundo Júlia, foram garantir a formação apropriada de professores para o método e desmistificar a visão de que a escola era permissiva demais, uma vez que não se encaixa nos padrões do ensino tradicional.

“É preciso ter a consciência de que o professor não é onisciente nem onipotente. Ele precisa ser um parceiro, um estimulador, uma referência para o aluno”, detalha a professora. “Hoje, a seleção que nós fazemos é muito mais para o lado humano, pessoas que têm uma cabeça pronta para se abrir a outras possibilidades, para aprender coisas diferentes e se disponibilizar a olhar o aluno como esse sujeito que já tem a sua história iniciada e que também pode te trazer muita coisa.”

Para transpor o segundo desafio e mostrar que a metodologia funcionava, os principais aliados foram os pais que abraçaram e confiaram na proposta da escola. “Eu sou muito grata a essas primeiras gerações, porque eles acreditaram na gente, apostaram comigo”, lembra Júlia. Os quatro filhos dela, assim como netos e alguns dos sobrinhos netos, estudaram e estudam no Indi. A caçula, Ruth, divide a gestão da escola com a mãe e é hoje coordenadora do ensino médio e vice-diretora da escola, após ter começado como auxiliar em sala de aula. Outro filho, Roberto, trabalha na parte administrativa e também começou como auxiliar de secretaria.

## Literatura

Um dos símbolos do Indi, o Fest Livro completou 40 anos e as comemorações tomaram boa parte dos meses de setembro e outubro. A festa, inspirada inicialmente também na metodologia da auto expressão de Dona Lourdes, ganhou cara própria na escola pioneira no Lago Norte.

Uma enorme cobra banguela feita de material reciclável recebe os alunos logo na entrada, com corpo em formato de túnel

onde eles podem se aventurar e soltar a imaginação. É uma homenagem ao escritor Guido Heleno, o primeiro a se apresentar no festival, que ao longo dessas quatro décadas recebeu também nomes como Zivaldo e Sylvia Orthof. O eterno menino maluquinho, inclusive, disse que queria ter passado a infância no Indi.

A apresentação deste ano foi do autor e ilustrador Ivan Zigg e recebeu, como sempre, além de alunos, pais e professores, toda a comunidade para celebrar. “O festival é um projeto que culmina com toda uma expressão que permeia o ano inteiro de trabalho e que apresenta, no final, resultados incríveis de valorização da linguagem, da leitura, da cultura”, elenca Júlia.

## O futuro

De sua nave central, uma sala rodeada por janelas de onde Júlia tem uma visão completa do pátio principal da escola, ela reflete sobre o futuro da educação. “Eu acho que o mundo está desqualificando os valores reais que o processo educacional tem de ter. E o processo educacional é o desenvolvimento humano. Então, se você não tem valores humanos intrínsecos no seu processo, você está fadado a perder toda a essência. Não é mais só a ciência em si, não é aprender por aprender. Você tem que aprender e entender o que você faz com esse conhecimento. Aprender a conviver com as pessoas, a incluir o outro na busca do bem comum”, avalia a diretora.

O conceito de inteligência emocional, tão discutido atualmente, sempre foi umas das bases do ensino preconizado pela educadora e, na avaliação dela, será essencial para que a humanidade atravessasse esse período desafiador de desenvolvimento tecnológico e exposição a dispositivos eletrônicos sem perder a essência. “Para mim, o objetivo fundamental desse século na educação é a formação humana”, finaliza.